

Por uma psicanálise em tempos de multiverso

Yusaku Soussumi¹

Resumo: O artigo trata da necessidade de mudança de paradigmas pela Psicanálise para um entendimento ampliado do que seja o ser humano e ser (verbo) humano, a partir da ruptura instaurada na teoria do conhecimento pelas descobertas da física quântica.

Palavras-Chaves: Descobertas da física quântica. Diferentes níveis de realidade. Ruptura na teoria do conhecimento. Estreita relação ser e meio. Mudança de paradigmas.

Toda vez que nos detemos para analisar e refletir sobre o estado da arte da Psicanálise ou sobre as contribuições que ela possa ter alcançado oferecer ao avanço do conhecimento do ser humano ao longo do seu processo epigenético, cometemos um erro básico e fundamental. Falamos de um ser humano que é pura abstração, que pertence mais a um mundo das ideias que coletivamente construímos para consumo de nossa corporação e menos a este plano em que transitamos diariamente em busca de reproduzir a condição chamada vida e a condição material que alcançamos ou em busca de conquistar aquela que acalentamos para nós como a que merecemos.

Desconectado do entorno e das relações que estabelece com ele, e consequentemente alienado das influências, retroações e bifurcações que esse acoplamento provoca nele mesmo e no entorno, esse ser humano de que tratamos nesses exercícios reflexivos flutua, faltando-lhe o enraizamento necessário no meio de que depende para sobreviver para ser legítimo representante da espécie num determinado espaço/tempo – espécie animal, diga-se, e a materialidade e a imaterialidade de que se reveste todo humano para ser o que é – humano, ser humano.

(A título de parênteses: o ser humano muitas vezes se encontra de fato desenraizado do meio, esse é seu problema, aliás, que nos cabe ajudar a resolver, mas

1. Médico psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, membro honorário da Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul, membro do Núcleo Psicanalítico de Aracaju, da Sociedade Psicanalítica do Recife, da Federação Brasileira de Psicanálise, da Federación Psicoanalítica de América Latina, da International Psychoanalytical Association e membro fundador da Sociedade Internacional de Neuropsicanálise.

como? Se nem mesmo nós nos damos conta de que enraizamento é esse, de que ele é fundamental para a sobrevivência e por que é fundamental?)

Entendemos que esse é nosso pecado capital: somos todos jogados numa *epoché*, como queria Heidegger, mas não temos clara a singularidade desse humano nessa *epoché*, não temos claro de que humano se trata, quando nos deparamos no consultório com um sujeito deitado no divã ou sentado à nossa frente.

Para além de todas as questões que dizem respeito ao funcionamento corporal, orgânico, desse sujeito na sua luta permanente para manter a condição chamada vida – e aí estamos falando de meio interno do organismo, meio externo, relação ser/meio, afetos, homeostase, mecanismos de regulação corporal, adaptação e evolução, consciência primária, consciência secundária -, existem algumas dimensões que quase sempre nos fogem ao considerar o paciente que nos procura, e que dizem respeito a questões igualmente cruciais para poder ajudá-lo, porque igualmente relacionadas à sobrevivência.

Será que temos noção de que, quando se trata do ser humano, temos pelo menos três dimensões de realidade inescapáveis a considerar, de modo que ignorar qualquer uma delas significa ter uma apreensão parcial, enviesada, capenga do sujeito à nossa frente? E isso sem ainda sequer tocarmos na revolução operada pela física quântica relativamente à apreensão dos níveis de realidade... e a toda mudança de paradigmas que forçosamente teríamos de realizar. E não realizamos. Ainda não.

Mas nos referimos à dimensão macrofísica da realidade, a dimensão visível, aquela que apreendemos pelos nossos órgãos dos sentidos, que é o mundo sensível, e aquela que é a dimensão do mundo interior, a dimensão do intangível e do invisível, que não se faz presente através dos órgãos dos sentidos, mas que é tão real e presente quanto a macrofísica, pois que é sentida e vivenciada por nós, nos habita diuturnamente, e que é apreendida pela imaginação, pela intuição, pela contemplação e pelo silêncio. Entre esses dois mundos, o mundo imaginal, que alimenta o mundo invisível, e que é a instância que faz a mediação entre o mundo visível e o mundo invisível, de onde se originam os mitos, os sonhos, os símbolos, a poesia.

Damo-nos conta desses mundos? Temos essa apreensão e consciência da presença deles em relação a nós mesmos? E, no entanto, eles nos habitam e nos preenchem, presentes o tempo todo na expressão de nossa humanidade ou desumanidade, na expressão do nosso comportamento.

Temos certa dificuldade em nos darmos conta dessas realidades, de aceitá-las como presentes e atuantes em nós porque desde o século XIX estávamos acostumados a reconhecer um único nível de realidade, o do mundo exterior, aquele que apreendemos pelos órgãos dos sentidos, o mundo sensível, fora do qual a ciência oficial dizia nada existir. Por isso mesmo a noção de níveis de realidade foi varrida do vocabulário da ciência e do vocabulário do senso comum; não cogitávamos que algo além da realidade imediatamente apreensível pudesse existir, algo que de alguma forma se aproximasse de um mundo multidimensional.

Formamo-nos nesse paradigma amputado e empobrecido, que reputávamos a verdade absoluta, paradigma que representou a mais cabal redução já efetuada na teoria do conhecimento, porque passamos do reconhecimento da existência de um mundo multidimensional e multirreferencial para a aceitação de um mundo unidimensional, baseado numa teoria centrada na concretude da experiência, que circunscreveu drasticamente a possibilidade do transitar humano.

Até o século XIII, no Ocidente, pensava-se que o ser humano era constituído de quatro elementos fundamentais - espírito, alma imortal, alma mortal e corpo, aos quais correspondiam, respectivamente, o mundo divino, o mundo anímico, o mundo sideral e o mundo sensível. A partir do século XVII, essa mesma ciência ocidental passou a privilegiar uma visão dualista, que via o ser humano como constituído de espírito e corpo, aos quais correspondiam o mundo divino e o mundo sensível, para, a partir do século XIX, operar uma redução total, que descartou a dimensão do mundo divino e ficou centrada na dimensão da materialidade, tanto do corpo como do entorno. Muito embora continuássemos a investigar esse corpo numa perspectiva desintegrada, segundo a dicotomia mente-corpo.

Foi na virada do século XIX para o XX que essa forma de entender o mundo e

a realidade passou a ser seriamente questionada nos círculos avançados da pesquisa científica, estabelecendo-se a partir daí nova ruptura na teoria do conhecimento, agora novamente em direção à percepção da realidade como estratificada em diferentes níveis.

Nesse momento da história, a partir das descobertas da física quântica para o nível subatômico da matéria, ficava cada vez mais evidente a necessidade de se questionar a verdadeira natureza do real e a nossa forma de apreendê-lo. Afinal, a física quântica mostrara a existência de pelo menos dois níveis de realidade, o nível macrofísico da realidade no qual transitamos diariamente, e o nível subatômico da matéria, que não funcionava segundo a lógica e os critérios que estávamos acostumados a aplicar para aquele mundo. Estava claríssimo que havia uma descontinuidade entre esses dois mundos, uma ruptura entre eles. Os paradigmas da lógica clássica não se aplicavam absolutamente ao mundo do infinitamente pequeno, regido por outra lógica, uma lógica própria, bem mais complexa do que aquela que nos guiava no mundo macrofísico, e que se revelava à medida que a pesquisa avançava. Toda vez que existe uma ruptura na lógica entre dois planos do real, estamos diante de diferentes níveis de realidade, de modo que essa noção voltou a figurar na pauta das discussões científicas de ponta.

Descontinuidade, indeterminismo, probabilidade, imprevisibilidade, irreduzibilidade, causalidade não local e incerteza pareciam ser os atributos próprios do real nesse mundo do infinitamente pequeno, de uma complexidade de outra ordem, que punha por terra, um a um, os princípios em que se assentava a física clássica e que até então tinham atendido de forma plena os anseios humanos de regularidade, ordem, previsibilidade e certeza bem definidas, que facilitavam a orientação racional do ser humano no entorno com vistas à sobrevivência.

Por isso os próprios pesquisadores, eles mesmos formados nos paradigmas reducionistas, relutaram tanto antes de se dobrar às evidências de que estávamos diante de uma outra realidade, ou melhor, diante de um outro nível de realidade, recuperando uma noção antiga, presente inclusive nas antigas tradições de sabedoria. Por

isso também houve um movimento no sentido de buscar essas fontes de conhecimento para entender o que preconizavam e se havia zonas de intersecção entre esse pensamento e o resultado da pesquisa científica, com toda a sorte de revelação e maravilhamento que esse debruçar-se sobre as antigas tradições pôde proporcionar.

O fato é que, no mundo quântico, como todos sabemos, a unidade quântica pode estar aqui e ali ao mesmo tempo, no espaço e no tempo, e existir em uma série de estados simultaneamente. Ela pode ser uma coisa e outra ao mesmo tempo, não apresentando características definidas em si porque pode ocupar diferentes estados virtuais. Uma característica curiosa foi observada na partícula quântica: enquanto não for observada, medida ou ficar sujeita a qualquer tipo de interação, ela se encontrará num estado que é a superposição de todos os estados. Quando observada, medida ou sujeita a interação, ela passa a ocupar um único estado, como qualquer coisa comum.

Há várias possibilidades para a unidade quântica se manifestar, cada uma delas associada a um observador ou aparelho de medição. Nós percebemos apenas uma dessas possibilidades, num processo aparentemente aleatório. Ocorre que a seleção não é aleatória, uma vez que todos os estados possíveis do quantum são realizados a cada vez que ele é medido ou observado. Eles simplesmente não são realizados no mesmo mundo: os muitos estados possíveis do quantum são realizados em muitos universos, em universos paralelos, cada um deles correspondente a um dos estados possíveis, conforme assevera Ervin Laszlo, filósofo e cientista húngaro, a partir das formulações do físico Hugh Everett, em 1955.

Só essa afirmação já instaura para nós uma desconstrução cabal de tudo o que tínhamos como assentado e estabelecido pela ciência oficial para o nosso mundo cotidiano, o mundo da ordem, da previsibilidade, da regularidade e do conhecido. Como falar de universos paralelos, múltiplos, reais, presentes, desconhecidos, quando nossa experiência sensível se limita a um único nível de realidade?

Mas o que foi mais perturbador, intrigante e impactante para os rumos da investigação científica futura, a partir do avanço das pesquisas no campo da física de

partículas e da aplicação dos conceitos quânticos a outros domínios do conhecimento, foi a característica de a unidade quântica ser altamente sociável, dotada de uma propriedade que ficou conhecida como coerência não local.

A coerência não local refere-se à seguinte característica do quantum: uma vez que este tenha compartilhado com outra partícula o mesmo estado, eles permanecerão unidos para sempre de uma forma misteriosa e não energética, não importa a distância que os separe no espaço e no tempo. O que acontecer a um deles afetará o outro igual e imediatamente, sem que haja qualquer troca de força ou energia entre eles. Essa propriedade deitou por terra o postulado fundamental de Einstein de que não existe nada que possa viajar numa velocidade mais rápida do que a da luz. Comprovou-se que no nível subatômico da matéria isso pode acontecer.

O mais extraordinário desse achado fundamental é a comprovação de que essa coerência não local existe em todas as escalas da natureza, do domínio do infinitamente pequeno ao domínio do infinitamente grande, do quântico ao cósmico, passando pelo domínio dos seres vivos e dos seres humanos, igualmente.

O que isso de fato quer dizer? Somos todos feitos da mesma complexidade no nível mais íntimo da existência, do quantum ao cosmo, de modo que tudo o que existe está entrelaçado num ciclo de continuidade e numa teia de inter-relações, retroações e bifurcações que nos remete ao fato de que tudo tem uma origem comum, carregando por isso, no nível mais fundamental, uma propriedade compartilhada.

Além disso, essa coerência não local explica a existência de conexões enigmáticas dentro de cada organismo, entre as células de um sistema e entre os sistemas, entre os organismos e entre os organismos e seu ambiente. Muito dos saltos evolutivos observados nas espécies animais em termos de mutações para melhor adaptação ao ambiente e entre as espécies passou a ser explicado dessa forma. De modo semelhante, as conexões de sintonia fina que são observadas no universo como um todo e que desafiam explicações racionais.

Essa origem comum é o *vacuum quântico* ou *plenum cósmico*, um meio primeiro

fundamental do qual tudo deriva, conceito presente em várias tradições de sabedoria, como na tradição védica, por exemplo, por meio do conceito de *Akashka*. *Akasha* é uma palavra sânscrita que significa éter, espaço que permeia tudo, considerado na filosofia indiana o primeiro e o mais fundamental dos cinco elementos – *vata* (ar), *agni* (fogo), *ap* (água) e *prithivi* (terra). *Akasha* reúne as propriedades dos cinco elementos e é o ventre de onde emergiu tudo o que percebemos com nossos sentidos e para dentro de onde tudo no final deverá imergir. *Akasha* é o meio de onde tudo emergiu, emerge e emergirá e para o qual tudo retorna, não sem antes deixar sua memória nele gravada. Esse mesmo conceito está presente no zen budismo, que deita raízes na filosofia hindu, ao referir o vazio ou o nada como a fonte de tudo o que existe, já existiu e virá a existir.

Não teria essa noção a mais perfeita similaridade com o nosso conceito de vácuo, conforme a mais nova formulação para o cosmo, feita a partir de 1998 com as descobertas dos astrônomos que estudavam a expansão do universo?

(Novos parênteses: no final do século XX, descobriu-se que matéria e energia, velhas conhecidas, compunham apenas cerca de 4% de tudo o que existia no cosmo. Aproximadamente 27% do universo era composto da chamada “matéria escura”, descoberta pelo astrônomo suíço Fritz Zwicky em 1930, uma matéria que seria invisível à detecção, mas que exerceria força gravitacional, e os 69% restantes do universo seriam compostos pela “energia escura”, assim chamada porque é “estranha, misteriosa, inesperada” – em inglês, *funny energy*, a mais recente descoberta dos astrônomos em relação ao cosmo.

Trocando em miúdos, 70% da energia do cosmo são o vácuo e 30%, matéria; destes 30%, meros 3% são matéria ordinária, como nos adverte o astrofísico Amâncio Friaça.

A título de esclarecimento, talvez caiba acompanhar Friaça: “Em física quântica, o vácuo não é inerte, mas sim um frenesi de energia que pode emergir como criação de partículas. Mas mesmo a física quântica é incapaz de reproduzir o total de energia do vácuo cósmico. Pressente-se, na aurora do século XXI, uma Nova

Física que lide com o Vácuo, e que represente uma ruptura tão radical quanto aquela desencadeada pela física quântica no começo do século XX”. Essa Nova Física está a caminho, Friaça nos advertia em 2005, no alvorecer do século XXI.)

Segundo Ervin Laszlo (2007), que há mais de 40 anos pesquisa uma teoria integral do todo que explique a interconexão do cosmo, esse universo que conhecemos bem poderia ser chamado de sistema quântico supermacroscópico, cuja principal característica seria a in-formação:

“In-formação é a sutil, quase instantânea, não evanescente e não energética conexão entre coisas em diferentes locais do espaço e eventos em diferentes pontos do tempo. Essas conexões são chamadas de não locais em ciências naturais e transpessoais na pesquisa da consciência. In-formação liga coisas (partículas, átomos, moléculas, organismos, ecologias, sistemas solares, galáxias inteiras, como também a mente e a consciência associadas com algumas dessas coisas), não importa a distância entre elas [milímetros ou anos-luz] nem quanto tempo tenha se passado [segundos ou bilhões de anos] desde que as conexões entre elas tenham se estabelecido”².

As pessoas que acompanham nossa investigação conhecem nossa familiaridade e apreço pelo tema, e se lembram de que já na primeira década deste século abordávamos todas essas questões em nossos *Paradigmas metamórficos*, de 2011. Por isso, muita vez aqui repetimos a formulação que lá deixamos consagrada, pela propriedade com que a pudemos expressar.

Lembramos, a propósito, que lá registramos a questão do metaverso, ou multiverso, como fonte primordial ou causa primeira a partir da qual tudo começou, a matriz de todos os universos já criados ou por nascer, de toda energia e de toda matéria. Segundo essa linha de investigação, no ciclo de universos que se sucedem nesse multiverso, cada universo é gerado por seu predecessor e gera seu sucessor.

Suspeita-se, no caso da Terra e do cosmo no qual ela se insere, que um universo

2. Tradução livre do autor.

anterior os tenha gerado, da mesma forma que o código genético informa a concepção e o desenvolvimento do embrião que resultará no ser humano, e que o acaso desempenhe um papel irrelevante nesse processo. Presume-se que esse universo anterior ou outros universos tenham criado campos de excitabilidade no *vacuum quântico*, originando nestes padrões de interferência que acabariam provocando a instabilidade e as flutuações que resultaram no Big Bang. Talvez inúmeros *bangs* tenham gerado inúmeros universos, com interferências e retroações recíprocas, que alteraram o próprio metaverso, uma questão ainda sem resposta.

O leitor curioso deverá se perguntar: o que a física quântica, o quantum, a desconstrução da física clássica, a coerência não local, os múltiplos universos, o metaverso têm a ver neste momento com a Psicanálise e as nossas interpretações?

De tudo o que trouxemos até aqui, talvez o mais fundamental a ser retido seja a ideia de que a impermanência rege o não vivo, o vivo, o humano, o social, o entorno mais próximo, o planeta, o cosmo: ela nos atravessa, nos domina e nos ultrapassa. O vácuo maior em que estamos inseridos é impermanência e movimento; tudo o que existe e nós mesmos somos impermanência e movimento. Essa é a realidade última, com todas as implicações daí decorrentes para todos os seres, animados e inanimados, que habitam esse meio fundamental.

Para o leitor curioso, a resposta tão esperada: as descobertas da física quântica mostraram para nós que os critérios de racionalidade pelos quais buscamos pautar nossa existência e nossa forma de conhecer o mundo estão longe de ser o instrumental adequado para entendermos seja o fenômeno da vida, seja a nós mesmos, seja ao ambiente maior que nos circunda. Essa abordagem corresponde a um momento na história da evolução da espécie que cumpriu sua função e agora nos permite alcançar outro patamar. Estamos diante de um universo multidimensional e multirreferencial, que funciona segundo sua lógica própria, que é a lógica do vivo, porque o tempo todo estamos tratando de seres mutantes, impermanentes, em movimento, em transformação, não importa o domínio a que pertençam. Regulação do organismo, seja este de que nível for, para a adaptação e a evolução no sentido da transformação,

eis a lógica de funcionamento em que nos inserimos. E essa regulação se faz num ciclo sempre novo de continuidade e de inter-relação permanente entre tudo o que existe, que não pode ser ignorado, é a teia da vida, que nos inclui e nos ultrapassa, repercutindo em tudo o que existe e em cada um de nós.

As descobertas da física quântica subverteram a lógica à qual estávamos acostumados a pensar e supostamente a funcionar. Os conceitos quânticos aplicados a outros domínios do conhecimento além da física abriram novas possibilidades de construção de sentido para o fenômeno da vida, para o que é vivo, para o que é o humano e o meio maior que o originou e o sustenta. Demo-nos conta agora de que estamos imersos no risco, na probabilidade, na incerteza, e que nós, humanos, estamos absolutamente implicados na lógica que regula o cosmo como um todo e na teia da vida cuja origem se perde nos tempos. A construção da vida se faz segundo critérios que se nos escapam, há elos perdidos pelo meio do caminho que jamais poderemos alcançar ou que foram mesmo suprimidos pelo trajeto particular da evolução, que pode operar aos saltos, por crises, em meio ao caos, por atalhos. Não somos aquela espécie privilegiada da natureza, destinada a reinar soberana sobre o meio e as demais espécies, sonho de consumo acalentado com tanto carinho.

Urge reconhecermos a complexidade do humano implicada no cosmo e adequarmo-nos a uma compreensão ampliada do indivíduo que busca nossa ajuda. Precisamos ajustar nossos paradigmas para além da lógica aristotélica, em sintonia com um humano que se constrói na multidimensionalidade e na multirreferencialidade que não admitem reduções, sob pena de perdermos o que o define como humano, como ser (verbo) *humano*, sob pena de não alcançarmos a natureza de seus desequilíbrios. Precisamos libertar-nos dos aprisionamentos da racionalidade e dos caminhos pré-determinados, da metodologia que nos deixa surdos a uma escuta sensível e nos condiciona a trabalhar sempre na mesma direção, segundo conceitos consagrados, engessados, que não nos permitem privilegiar o que avulta à nossa frente, deixando escapar em nós a ressonância da fala do paciente, sem nos darmos conta de praticar uma epistemologia defensiva.

E, no entanto, Freud, na sua genialidade, em muitos momentos de seus textos nos refere a riqueza da complexidade, que ele precocemente apreendeu com aguda percepção, da mesma forma que não se cansou de nos advertir da precariedade dos ensinamentos da neurologia da época, que, uma vez ultrapassados, nos permitiriam uma nova compreensão do ser humano. E um reposicionamento da metodologia psicanalítica diante das descobertas, o que lamentavelmente ele não deixou registrado de forma explícita.

E temos ainda outro pioneiro, formado nos paradigmas da impermanência e do movimento próprios do pensamento oriental, que buscou fazer avançar o pensamento freudiano por caminhos menos ortodoxos, advertindo-nos das armadilhas da matéria-prima sobre a qual se assentava a arquitetura da clínica – a linguagem humana, feita para desvelar e encobrir, dotada de artifícios que lhe são próprios, artifícios próprios do humano, inerentes à sua essência e à essência do humano, embora capaz de expressar a multidimensionalidade e a multirreferencialidade nas quais esse humano está enraizado. Um pioneiro que não alcançou ser entendido no seu tempo e que talvez agora, à medida que possamos nos dar conta do que significa *ser humano* em tempos de multiverso, possa finalmente ser reconhecido na decisiva contribuição que buscou nos deixar. Um ser vivo de alta complexidade na deriva animal, em constante vir-a-ser, em permanente processo de homeostase e reequilíbrio para adaptar-se e sobreviver no meio que o originou, de que é parte integrante e que o sustenta, processo esse de que participam suas heranças e memórias, múltiplas, evolutivas, desconhecidas, vivas, presentes e atuantes: esse é o humano que ele buscou desvendar.

Enquanto permanecermos aferrados ao passado e à nossa necessidade de ordem, previsibilidade e certeza que nos confortam e aplacam nossa angústia, estaremos muito distantes de efetivamente saber quem somos e entender o sujeito à nossa frente. A ajuda que poderemos prestar será uma *fake* ajuda. A quem queremos enganar? Essa ajuda, a quem pode interessar?

For a psychoanalysis in multiversous times

ABSTRACT: The article deals with the need to change paradigms by Psychoanalysis for an extended understanding of what the human being is and of what *being* (verb) *human* means, from the rupture established in the theory of knowledge by the discoveries of quantum physics.

KEYWORDS: Discoveries of quantum physics. Different levels of reality. Rupture in the theory of knowledge. Close relationship between the being and the environment. Changing paradigms.

Por una psicoanálisis en tiempos de multiverso

RESUMEN: El artículo aborda la necesidad de cambiar paradigmas por el Psicoanálisis para una comprensión extendida de lo que es el ser humano y de lo que significa ser (verbo) humano, desde la ruptura establecida en la teoría del conocimiento por los descubrimientos de la física cuántica.

PALABRAS-CLAVE: Descubrimientos de la física cuántica. Diferentes niveles de realidad. Ruptura en la teoría del conocimiento. Estrecha relación ser y medio. Cambio de paradigmas.

Referências

Bion, W. R. (2004). *Cogitations*. London: Karnac Books.

_____. (1992). *Conversando com Bion: Quatro discussões com W. R. Bion. Bion em Nova Iorque e em São Paulo*. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1989). *Uma memória do futuro*. Vol. 1. *O sonho*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1989). *Uma memória do futuro*. Vol. 2. *O passado apresentado*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1989). *Uma memória do futuro*. Vol. 3. *A aurora do esquecimento*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1992). *Conversando com Bion: Quatro discussões com W. R. Bion. Bion em Nova Iorque e em São Paulo*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (2004). *Cogitations*. London: Karnac Books.

Freud, S. (2010). *Além do princípio do prazer*. Vol. 14, São Paulo: Companhia das Letras. 432 p.

_____. (2010). *O mal-estar na civilização*. Vol. 18, São Paulo: Companhia das Letras. 496 p.

_____. (2010). *O inquietante*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2014). *O futuro de uma ilusão*. São Paulo: Companhia das Letras.

Friça, A. (2005). O vácuo e o espaço transdisciplinar. In: Friça, A. et all. *Educação e Transdisciplinaridade III*. São Paulo: Triom.

Lazo, E. (2001). *The Science and akashic field*. New York: inner Traditions..

_____. (2008). *Quantum shift in the global brain*. Rochester: Inner Traditions.

_____. (2009). *The Akashic experience: Science and the cosmic memory field*. Rochester: Inner Traditions.

Mello, M. F. de. (2005). Reflexões acerca do *Mundus Imaginalis*. In: Friça, A. et all. *Educação e Transdisciplinaridade III*. São Paulo: Triom.

Smith, Wolfgang. (2014). *Ciência e mito: com uma resposta a O grande projeto, de Stephen Hawking*. Campinas: CEDET.

_____. (2017). *A sabedoria da antiga cosmologia*. Campinas: CEDET.

Sommerman, A. (2005). Os diferentes níveis de realidade e a tradição ocidental: um diálogo transdisciplinar entre ciência e sabedoria. In: Friça, A. et all. *Educação e Transdisciplinaridade III*. São Paulo: Triom.

Soussumi, Y. (2011). *Paradigmas metamórficos: Desvelando a natureza dionisiaca do real*. São Paulo: Casa do Psicólogo.